

Analógicas sociaes

E' antiquissimo o uso d'este methodo. Encontramol-o já na Grecia. Mas só actualmente elle dá orientação aos cultores da sciencia social.

Estudemol-o sob seu quadroplo aspecto: physico, vital, psychico e metaphysico.

Aspecto vital:

Não é o primeiro na ordem logica das idéas, mas o é na ordem de successão historica.

Pythagoras iniciou-o comparando a ordem social á saude humana.

Os philosophos da historia proseguiram-no, comparando as phases da existencia social ás edades da vida humana.

Infancia, mocidade, maturidade e velhice para Stutsmann. Infancia, mocidade, maturidade, sociedade universal para Krause. Mocidade, maturidade, velhice para Bacon. Ainda recentemente nascimento, infancia, mocidade, maturidade, velhice e morte para Draper.

Melhor foi a philosophia das epochas ideaes, scientificas ou progressivas:

A de Hegel dando ao Oriente o character de infinitismo, immobilidade ou these; á idade classica, o de finitismo, mobilidade ou antithese, á actualidade o de união, relação ou synthese.

A de Benlew dando á antiguidade o imperio do idéal do bello, á idade christã o do idéal do bem, á actualidade o do idéal do verdadeiro.

A de Spencer dando ao Oriente o character de formação (embryão), á antiguidade classica o de differenciação, e á actualidade o de aperfeiçoamento (organisação).

Foi Leibnitz o factor d'essa orientação philosophica com as suas leis de analogia, como foi elle o factor d'essa formulação successiva de leis sociaes com as suas de harmonia prestabelecida, optimismo e continuidade social.

Wagelin formulou as de universalidade (collectivismo actual) e individualismo.

Herder a de solidariedade.

O que admira é que actualmente compre-se com esta moeda velha sem uma lembrança de gratidão aos seus emissores, como fez Tarde com a lei de imitação de Bagehot.

Razão tinha Augusto Comte quando queria uma ligação maior entre os homens pela veneração maior pelos mortos.

Infelizmente a loucura terminal do mestre e a ignorancia obstinada dos discipulos exaggeraram tudo até á extravagancia, deprimiram tudo até á futilidade, fecharam tudo até ao isolamento.

Mas voltemos ao assumpto.

A analogia vital complicou-se passando do exterior para o interior.

Herbert Spencer foi quem iniciou a nova phase.

Em seus *Princípios de Sociologia* considera analogos os crescimentos social e vital, os grupos de funcções sociaes e osapparelhos organicos, os typos sociaes e vitaes.

Infelizmente achou na analogia tres apparelhos — o productor, o distribuidor e o regulador que não são sociaes; o distribuidor porque faz parte do productor, produção comprehendendo distribuição de productos, e o regulador porque em sociedade todos pensam, não ha um *sensorium*, como elle proprio reconhece.

Infelizmente ainda os seus typos sociaes, simples, compostos, duplamente compostos, com suas divisões triplas em nomadas, quasi sedentarios e sedentarios, nada têm com os typos vitaes, morphologicos, phylogenicos, etc.

Puchta, Schœffle, Kunze, Lilienfeld alargaram o conceito na Allemanha.

Schœffle no livro *Structura e vida do corpo social* quer que se applique á sciencia social o methodo da biologia, mais ainda que se divida a sciencia social em anatomia, histologia, physiologia ; consequentemente, elle descobre na sociedade a cellula da familia, o intersticio cellular da riqueza, a fibra das estradas, os tecidos, os órgãos e os systemas organicos, por exemplo a epiderme na policia e finalmente osapparelhos, por exemplo o da locomoção na armada. Creio que foi elle o primeiro que considerou uma anemia o pauperismo social.

Lilienfeld no livro *Considerações sobre a sciencia social do futuro*, em suas leis agitou-se no mesmo elemento de methodo, sciencia, organização e funcções sociaes vitaes. Para elle deve haver até uma psychophysica social, isto é, uma sciencia das relações d'alma com o corpo social.

E' muita coisa vital machucada, empilhada e amalgamada, muita obra prima de artistas eximios Buckle, Quetelet, Comte, Spencer, Mill, Bagehot, Le Bon, Taine, Bluntschli, etc., desmoronada em ruinas.

E' que a moda tem uma força hallucinadora. Noiré não fez uma philosophia segundo o espirito da epocha dando alma a toda a materia, alargando a vontade de Schopenhauer, a consciencia de Hartmann?

A sciencia social não conhece hoje outro methodo. A indução é cousa morta. A analogia é tudo, methodo, lei, orientação, opinião geral. Fouillée dá-lhe provas physiologicas e psychologicas. Tomou o lugar da hypothese. Infelizmente a hypothese é supposição d'uma cousa conhecida para explicar outra desconhecida e verificar o seu valor no curso das investigações posteriores ; e analogia é mera relação d'uma cousa a outra.

Para darmos um exemplo da hypothese. Lamarck suppoz para explicar a origem do homem, sua descendencia animal, muito preferivel pela verificabilidade aos systemas creacionistas.

Foi renhida a lucta travada principalmente por Cuvier contra a theoria da descendencia sustentada por Geoffroy de S. Hillaire ; mas a hypothese foi verificada nas

seriações vitæ fornecidas pelas sciencias concretisadoras dos seus factores, a morphologia (histologia, anatomia, embryologia), paleontologia, chorologia, æchologia, e na grande lei de Baer e Hæckel da recapitulação da phylogenesis pela ontogenesis.

Aspecto psychico :

E' o segundo na ordem da successão historica.

Platão iniciou-o comparando a sociedade á alma humana, dando-lhe as funcções psychicas de intelligencia, coragem e appetite, para dar-lhe as classes de politicos, guerreiros, economicos, e suas respectivas virtudes de prudencia, bravura e actividade.

A. Comte proseguio-o, considerando a humanidade um homem universal cuja vida é determinada por duas forças tambem universaes, a de solidariedade que ligou os mortos, liga os vivos e ligará os vindouros, a de continuidade que liga os vivos aos antepassados e posterios. Um capital de tres moedas cunhadás por Platão, Leibnitz e Herder, para não fallarmos em Goethe e Pascal.

Ainda hoje em Direito Publico vigora esta analogia, considerando-se o poder legislativo como o que pensa, o governamental como o que quer, e os executivo e judicial como os que agem.

Aspecto physico :

E' o primeiro na ordem logica das ideas, mas o ultimo na ordem de successão historica.

Está ainda indefinido.

G. Le Bon considera a sociedade como um *cosmos*, mas accidentalmente, relativamente á fatalidade dos seus phenomenos.

A. Comte seguindo o conceito da philosophia da historia de Wagelin, de forças vivas e mortas, divide a sciencia social em statica e dymnamica, a statica reunindo os phenomenos da ordem e a dymnamica os do progresso.

Schæfle considera o egoismo força de repulsão e altruismo força de attracção.

Vae-se accentuando a analogia das sciencias sociaes com as do mundo inorganico.

Thibaut quer que haja uma mathematica juridica, dos direitos que não mudam com os tempos e logares, como a hypotheca e a venda.

Kunze quer que haja uma mechanica juridica dos direitos relativos á utilidade e finalidade, e á equidade e moralidade.

Ihering dá a esta mechanica quatro alavancas: a da recompensa, a do constrangimento, a do amor e a do sentimento do dever.

Kunze e Lilienfeld querem physica juridica regulando a marcha do corpo juridico, e chimica juridica dando a materia fundamental do direito; ficções juridicas são ahi nebulosas sociaes e analogias juridicas são crystallisações.

E' o cahos na Logica.

Cada um quer celebrisar-se por uma *creação original* e lança aos livros o que a imaginação lhe suggere. Não vê que o tempo é curto e precioso.

Aspecto metaphysico:

Comprehende os organismos sociaes que têm uma base physica e uma elevação idéal;

O de Rousseau sobre o qual levanta-se o contracto social;

Os de Schelling e Hegel sobre os quaes levantam-se os maiores idealismos conhecidos;

Em geral os organismos sociaes de todos os allemães pelo seu conceito finalistico, teleologico; Unidade vivente para Kunze; União de actividade e intelligencia para Fredlemburg; União de vida moral para Ahrens; Lei de finalidade social em opposição á de causalidade mechanica, natural e vital; d'onde character de meio e fim juntamente para Kant, Puchta, Lilienfeld, Ihering e Bluntschili.

Estudemos a analogia sob seus aspectos mais importantes para a questão: logico e biologico, 1º porque é uma lei do pensamento; 2º porque trata-se principalmente da analogia entre a vida e a sociedade.

Aspecto logico:

Em logica a analogia é relação e raciocinio.

Como relação é um character similhante de dois factos distinctos ou differentes.

Varia assim o seu conceito de similhança de cousas distinctas á similhança de cousas differentes. E' preferivel o primeiro: não ha razão scientifica para separar gradações de um facto salvo em divisão após um conceito commum.

A analogia é assim a relação logica de similhança.

Faz parte das relações logicas que são de similhança, co-existencia, successão, composição, causação e congenitação (co-existencia por causação).

Sua função intellectual é a de produzir-nos ideas geraes de especie, por exemplo animal, vegetal, etc.

Como raciocinio é a conclusão de mais similhança entre cousas de similhanças conhecidas (Stuart Mill-Logique inductive et deductive, vol. 2º pag. 83).

Stuart Mill esqueceu ahí a existencia possivel de characteres differentes.

Com esta correcção fica o raciocinio onde dos characteres similhantes conhecidos concluem-se outros similhantes desconhecidos si a isto não se oppõem os differentes.

A. Bain não desenvolveu a materia; mas presuppõe esta opposição.

« A analogia como função distincta da inferencia suppõe que duas cousas, que assemelham-se sob certo numero de pontos, podem assemelhar-se sob outros não ligados por causalidade ou co-existencia. » (Logique inductive e deductive pag. 211 e 212).

Que especie de raciocinio é este? Vejamos isto.

Os raciocinios são de dous modos: do particular ao geral (inducção) e do geral ao particular (deducção), correspondendo aos processos intellectuaes da synthese e da analyse.

A inducção, raciocinio por excellencia, tem duas partes: a reunião dos particulares e a inferencia geral.

A inferencia não é consequencia da reunião, porque si esta esgota os casos particulares, a operação é uma somma; e, si não explica a reunião e limita-se aos casos reunidos, é ainda um total.

A inducção é assim a inferencia geral de certos casos particulares e a explicação de todos os mais.

Como uma inferencia geral pode assim explicar qualquer caso particular ?

Pelo methodo que deu a inferencia.

Os methodos inductivos, descobertos por Bacon, formulados por Whewell, elucidados por Stuart Mill e Bain, são de concordancia, de differença, de concordancia e differença, de residuos, de variações concomitantes.

Mas estes methodos, ainda que o contrario digam Stuart Mill e Bain só applicam-se ás relações de causalidade, composição e congenitação.

Só aqui a crença na uniformidade da natureza combina-se com as relações estabelecidas por estes methodos entre as cousas estudadas.

Estas relações são de transformação. Os methodos inductivos são moldes, vehiculos de transformações de factos.

Dados estes moldes a crença na uniformidade natural estende-os a qualquer caso particular: é a explicação causativa, a lei de causalidade.

A lei de congenitação é uma lei de causalidade dupla. Factos que teem a mesma lei de causalidade, são congenitos.

A composição entra na causação, porque uns corpos desenvolvem-se transformando-se (organicos) e outros formam-se por forças que a crença dá como constantes (inorganicos): ambas estas composições são effeitos de causas regulares, ha em seu apparecimento lei de causalidade.

As reuniões de coexistencia, semelhança e successão, porém, não têm por si o methodo inductivo, não contêm inferencias, dão apenas proposições additivas.

Com effeito, o que é que affirma se succeder, coexistir ou parecer com outrem no que não se conhece, sem ligação causativa ? Os filhos parecem com os paes por ligação causativa, os irmãos com os irmãos por congenitiva, isto é, ligação causativa commum. Os individuos da especie, do genero, da familia, da ordem, da classe e

até do typo parecem mais á menos por causalidade common mais á mais remota.

Fora da ligação causativa só se pode affirmar o que observa-se ou o que uma hypothese suggere.

Ora a analogia não tem ligação causativa, não é objecto de observação, nem constitue uma hypothese: logo não é, como quer S. Mill, uma inducção incompleta; nem é mesmo um raciocinio porque não é uma deducção.

As reuniões analogicas como as coexistenciaes e successivas são meras proposições additivas, não autorizam á conclusões de casos desconhecidos, pelos conhecidos.

A analogia sobre não ser um methodo logico é um tropeço á sciencia, uma armadilha aos incautos, uma sobrevivencia ancestral, um legado dos tempos aventureiros em que nossos progenitores accumularam os materiaes scientificos que aproveitamos para constituir as sciencias, de envolta com innumeras suggestões que eliminamos nessa operação criteriosa e rigorosa da constituição.

Aspecto biologico :

A analogia tem hoje um grande emprego nas sciencias naturaes; mas ahi ella está em correlação com a homologia. Sua união constitue um methodo poderoso na biologia. Vejamol-as em Gegembaur.

« A anatomia comparada destingue sob o nome de homologos os órgãos que têm um valor morphologico iguaes; e sob o de analogos os que têm um mesmo valor physiologico.

Homologia e analogia são duas noções claramente distinctas, uma tendo por objecto as relações do órgão com o seu modo de genesis; e a outra com as suas funcções. O campo das homologias é o typo, uma comparação rigorosa só podendo-se fazer dentro d'elle. Fóra só encontram-se analogias; o parentesco de órgãos de typos differentes só póde se fundar sobre semelhança ou concordancia de funcções.

A homologia é geral (homo typia, homo dymnamia, homonomia, homnymia) e especial. Esta é a relação entre órgãos que têm a mesma origem por provirem do

mesmo esboço. E' completa se os órgãos comparaveis; modificados na forma, contorno, etc., têm permanencia de situação e connexões. E' incompleta se falta á um alguma parte que outra tem.

A distincção de homologia e analogia tem grande importancia para o desenvolvimento da anatomia comparada. A apreciação da homologia tem separado mais da physiologia a anatomia comparada como parte da morphologia, a tem dirigido para um fim melhor; e o jogo futil das analogias superficiaes tem sido substituido pelas laboriosas demonstrações de homologia, seguida nas veredas complicadas da marcha da differenciação embryologica ou das immensas transformações dos órgãos no seio dos animaes (Manual de anatomie comparée trad. por C. Vogt, Paris 1874, pag. 76 a 79).

Quaes os factores d'essas correspondencias, d'esses modelos e funcções vitaes? Vejamol-os em Hæckel.

« A hereditariedade é uma força formadora centripeta, interna que trabalha para manter as formas organicas nos limites das suas especies, para fazer que os descendentes assemelhem-se aos ascendentes, para produzir gerações sempre modeladas na mesma ephigie.

« A adaptação ao contrario faz contrapezo á hereditariedade; é a força formadora, centrifuga ou externa; tende perpetuamente á transformar as formas organicas, sob a pressão das influencias exteriores; a tirar novas formas das preexistentes, a infirmar absolutamente a constituição e a immutabilidade das especies.

« Segundo a preponderancia na lucta, pertence á hereditariedade ou á adaptação, a forma especifica persiste ou se transforma em especie nova. » (Histoire de la Création tradfr. pag. 189).

Como agem estas forças?

Vejamol-o em Gegembaur:

« A localisação da funcção n'um ponto d'um órgão torna as mais partes do órgão séde de outras manifestações da funcção. Subdivide-se a funcção, fracciona-se o órgão em órgãos que constituem systemas e aparelhos.

A repetição complica o organismo. O esboço sim-

ples do corpo muda em uma multidão de disposições. A manifestação do conjuncto torna-se uma multidão de manifestações. (Manual cit.).

D'ahi resultam leis biologicas da differenciação e progresso.

Transplantando estes conceitos para as sciencias sociaes, eis o resultado :

A materia da homologia é o grupo social ; a da analogia a actividade do grupo.

O factor da homologia é a hereditariedade social (não a tradição). O da analogia sua variabilidade.

Logo, nada de relação entre a vida e a sociedade. O conceito biologico da analogia e homologia exclue as analogias e homologias entre a sociedade e a vida, e impõe-n'as entre as sociedades e entre seus elementos.

Assim como ha funcções analogas em órgãos differentes e órgãos homologos de funcções differentes na vida, podem haver actividades analogas em gruppos differentes e grupos homologos de funcções differentes na sociedade.

Se queremos fazer sciencia, se queremos rigor nas expressões para clareza no pensamento, como desprezarmos o conceito biologico e ficarmos agarrados á um conceito sem theoria, sem fundamento, sem proficuidade e em contradicção com o conceito verdadeiramente scientifico da materia ?

Engraçado é que ha quem queira applicar o conceito biologico á sociedade e á alma. E' muito ler e nada aprender. Para exemplo vejamos o escriptor italiano Pierre Ciciliani.

Elle quer que fundem-se a psychogenia e a sociogenia como fundou-se a biogenia (phylogenia !)

Referindo-se á psychologia, eis as suas expressões :

« Mas com que dados fundar esta dupla lei de homologia e analogia ?

A homologia psychica nós podemos deduzir (!) da structura, da constituição typica do organismo...

A analogia ao contracto obter-se-á analysando os costumes, as industrias, os instinctos, as tendencias sociaes, os halitos intellectuaes...

E' erro de mais. Amplia-se o conceito de modo á desnatural-o, comprehendendo relações entre categorias de factos differentes. Confundem-se órgãos nervosos physio-psychologicos onde existem analogias e homologias vitaes, com esphera psychologica, pelo menos de psychologia subjectiva que é a que não é parte da biologia, a que assim distincta teria campo novo para applicar o methodo biologico, analogia e homologia psychicas e não vitaes.

Confundem-se finalmente funcções sociaes com base psychica ou vital, instinctos, habitos, industrias, etc., com funcções psychicas. Tudo isto para fazer « descobrir entre a vida organica e a vida psychica, a existencia d'uma dupla relação stutica e dymnamica de que trata-se de determinar e formular as leis » (Psychogenie moderne).

Felizmente esta futilidade é muito grande e dá a medida da primeira.

Só ha um meio de comparar scientificamente a sociedade com a vida, é fazer da sociedade uma funcção vital, da sciencia social um capitulo da biologia.

Já se tem pensado assim. Spencer, Hæckel, Lilienfeld, Schœfle, etc.

Hæckel na sua entropogenia, no quadro representativo das divisões principaes da biogenia, divide a historia do germen, (ontogenia) em embryologia das formas (morphontogenia) e das funcções (physiontogenia). Subdivide a ontogenia em embryologia das cellulas, cytados e tecidos (histogenia), dos individuos (prosopogenia) e dos grupos, individualidades sociaes, compostos de individuos, familias, communidades, estados (cormogenia) considerando a physiontogenia como a historia individual das actividades vitaes.

Divide tambem a historia da tribu (phylogenia) em morphophylogenia e physiophylogenia. Subdivide a morphophylogenia em histophylogenia, organophylogenia, prosopophylogenia, cormophylogenia.

Considera a physiophylogenia ou phylogenia das funcções, como a historia paleontologica do desenvolvimento das actividades vitaes, « que não têm ainda sido estudadas na maior parte dos organismos e comprehende

para o homem, uma grande parte da pretendida historia universal. » (Antropogenie pag. 15.).

Ve-se, Hæckel considera a sociedade como uma função da faculdade vital a sociabilidade talvez, como uma actividade vital. Tambem elle é psychologo objectivo e celluistas, converteu a alma na vida e até no elemento vital, irreductivel da cellula, não podia deixar de fazel-o para a sociedade. O mechanicismo só é supportavel, sendo perfeito, universal. O dualismo Kantiano desnaturado depois por porção de materialistas que estenderam o mechanicismo aos animaes deixando fóra só o homem, é insupportavel mais á mais.

H. Spencer fez cousa equivalente. Em um livro de polemica procurando refutar a orientação ingleza assimilada e illucidada por A. Comte, sobre a classificação de sciencias faz da psychologia e da sociologia capitulos de biologia.

Em compensação Rumelin faz da sciencia social um capitulo da psychologia, Lassaruz e Whaitz reduzem-na mesmo á psychologia concreta (ethnologia psychica).

Não vêm que emquanto a vida tem por character a regularidade constante que dá a lei, a sociedade tem por character a regularidade mesologica quebrada pelos factores sociaes da violencia, astucia, prestigio dos vencedores e pela ingnorancia, bôa fé e fraqueza dos vencidos, como têm sido as invasões e as monarchias.

E' um supremo esforço da philosophia monistica scientifica ou mechanica unicamente formulada por aquellas duas cabeças geniaes. Fóra d'elles só tem a philosophia monistica as teleologias grosseiras de Hartmann e Schopenhauer e a delicada de Noiré, verdadeiros illusionismos philosophicos.

Reduzem a alma á função cellular ou organica e querem reduzir a sociedade á outra função organica. Esquecem em psychologia a consciencia perfeitamente distincta dos factos biologicos e apenas com elles relacionadas por suas proprias affirmações, subjectivamente; e seu methodo subjectivo que nada tem com o objectivo da biologia e até está em contradicção com elle, como eviden-

cia-se da applicação de ambos por H. Spencer em seus *Princípios de Psychologia*.

Esquecem em sciencia social — a natureza, os factores e o character social. Emquanto a vida é um organismo com suas varias composições e funcções, a sociedade é um mero gruppó com varios arranjos e relações. Emquanto a vida tem por factores a hereditariedade e a adaptação, a sociedade tem por factores a vida e o espirito principalmente, as funcções vitaes e psychicas, as necessidades regetativas de nutrição e reproducção, animaes de sensação e locomoção e as necessidades espirituaes de sentimento e pensamento: consequentemente a hygiene, a economia, a liberdade physica, a familia, a sociedade, o Estado, a cultura de tudo isto, esthetica, etc., e as disciplinas respectivas, religião, moral e direito.

Vejamos estas corelações vitaes sociaes tão attraentes, axiomaticas e imperiosas da sciencia social, e para isto dividamos o estudo em tres partes: elementos sociaes e vitaes correspondentes, funcções sociaes e vitaes correspondentes e sciencias sociaes e vitaes correspondentes.

Elementos:

A vida animal tem por elementos os humores, os teuidos, os órgãos, os systemas e os aparelhos.

Humores são as massas líquidas que nutrem, nutriram ou banham o animal interiormente, envolvendo ou não corpos *solidos*: a lymphá, o sangue, os residuos e as secreções.

Cellulas são os elementos irreductiveis do organismo; o que o representa na origem e o que por multiplicação progressiva, o constitue em qualquer momento. Tem tres estados: o de organismo rudimentar, o de inicio d'um organismo complicado e o de elemento d'esse organismo. Em qualquer d'esses estados tem a mesma composição chimica, variação de protoplasmas simples ao protoplasma com nucleo, vida manifesta na contractibilidade do protoplasma com mudança de logar nas cellulas livres e mobilidade dos nucleos nas fixas, nutrição por introduccção do alimento no protoplasma, crescimento

por nutrição geral de toda cellula ou local d'um ponto da cellula, geração por crescimento local, (fragmentação) central (divisão) e separação dos elementos crescidos, secreção por mudança do protoplasma, interna (gorduras, etc.) e externa (liquidos), d'onde as excreções formadoras de membranas envolventes, etc., sensibilidade provavel no protoplasma pela reacção sob a influencia da luz, finalmente a actividade especifica.

Tecidos são aggregações de cellulas homogeneas, tendo por funcção especifica a actividade especifica da cellula. Têm por factores as mudanças de formas devidas ás mudanças de funcções das cellulas aggregadas, isto é, a differenciação e o progresso biologico.

Orgãos são aggregações de tecidos homogeneos ou heterogeneos, tendo funcção harmonica: portanto, caracter duplo, morphologico e physiologico, ou, como quer Gegembaur, compostos de elementos da mesma natureza ou de elementos differentes, segundo o numero e o modo de associação. (Gegembaur, obra cit. pag. 44).

Systemas são aggregações de orgãos homogeneos, tendo por funcção especifica a do tecido. Gegembaur diz « conjunto de orgãos de composição semelhante... »

Apparellhos são aggregações de orgãos heterogeneos, tendo funcção harmonica, ou como quer Gegembaur reunião de orgãos distinctos em connexão anatomica...

Na sociedade podemos distinguir, como elementos, individuo, familia, povo e Estado.

Em comparação biologica cellulas são os individuos, porque são elementos irreductiveis da sociedade e não as familias, como querem os analogistas, que já são associações de individuos tecidos d'essas cellulas sociaes.

Não ha para onde fugir:

Ou a sociedade é uma substancia, um ser concreto com seus attributos, como a vida é um organismo, um conjunto de cellulas com as suas funcções, e então o individuo é a cellula social, seu elemento irreductivel ou a sociedade é um attributo biopsychico, uma abstracção, uma mera relação entre individuos ou seus grupos, uma actividade individual ou *gruppual*, e então seu elemento irreductivel é a familia, correspondente á cellula.

Verdadeiro é o ultimo conceito, sociedade é mera relação ; mas falso é seu character de organico, constituido por cellulas.

O instincto leva á verdade, a má orientação desnatura-a e a contradicção torna-se opinião scientifica, systema dominante, criterio da moda, como foram os maiores erros da mentalidade humana, em astronomia o geocentrismo, em physica o emissionismo, em biologia o creacionismo, em psychologia o espiritalismo, em sciencia social porção d'elles, o nobilismo, o monarchismo, o escravismo, o socialismo, etc.

Tecidos são as castas porque são formadas de individuos homogeneos. Mas os tecidos vitaes são capitaes : as cellulas homogeneas unem-se nelles intimamente combinando as suas funcções com sacrificios de suas formas em geral. Da unidade funccional do tecido vem a unifuncional do systema e a harmonia funccional do orgão ou do apparelho.

Nada disto na sociedade. A casta fatal nas origens é actualmente impossivel. A classe que a substituiu não tem connexões intimas e muito menos unidade funccional determinadora das funcções dos grupos superiores (orgãos, etc.) se é que elles existem. Sympathia por igualdade, approximação por sympathia, união por approximação e interesse commum, influencia por essa união taes são os seus caracteres sociaes.

Dir-se-ha no systema phantastico metaphysico, de Bluntschli por exemplo que deve haver uma classe governante, a cabeça do Estado, uma classe aristocratica, a gloria talvez do Estado, uma classe media, o corpo do Estado, uma classe proletaria talvez, um onus do Estado ?

E' muita superioridade para o Estado mero grupo social com seu systema de funcções, para esse usurpador das prerogativas da Nação, para este malvado autor das atrocidades humanas, o exterminio, a conquista, a guerra de successão no exterior, o escravismo, a servidão, o plebeismo, o despotismo no interior, a intolerancia com todos seus horrores no interior e exterior. E' muita inferioridade para o burguez, a intelligencia, a actividade,

a maioria da Nação. E' muito perpetuamente das desgraças para os miseraveis degradados.

Dir-se-ha no systema estaccionario historico que ha uma classe nobre, quiçá dupla, clerical e leiga, uma classe industrial, burgueza, uma classe agricola, campestre, uma classe serva talvez, herdeiras dos estados ou ordens medievaes? E' muita immobildade, hereditariedade, para a humanidade adaptavel e progressiva. Não vêem que o clero perdeu a nobreza e o nobre as prerogativas, que o villão com o camponoz fizeram o burguez, que o servo tornou-se mero proletario? Se alguma cousa resta de tudo isto é mera sobrevivencia, especie de órgão atrophiado por cessação de sua funcção, nas sociedades confortadas, equalitarias e livres da actualidade.

Dir-se-ha finalmente no systema positivo que ha uma classe productora, uma medeadora, uma reguladora? Não porque não ha limite entre producção e medeação: a manufactura envolve ambas. Não porque o desenvolvimento industrial melhorando com a consignação ha tendencia para o productor tornar-se medeador. Não finalmente porque com o regimen do nacionalismo, com o desenvolvimento da consciencia nacional, com a transformação do Estado, machina de submissão e de guerra em meio de conservação e progresso, potencia real em união popular, não ha classe que não intervenha nos governos, representando, elegendo, censurando, etc., e já isto não ter chegado á sua perfeição e o velho militarismo ou o recente politicismo ainda vão causando estragos as sociedades actuaes porque são compostas de povos muito satisfeitos de suas conquistas contra o Estado, de familias muito occupadas de suas proles numerosas, de individuos muito fatigados pela faina de interesse.

D'este modo, sem casta possivel, sem classe estavel, fica a sociedade reduzida á uns grupos de cellulas desconnexas e sem funcções especificas, a negação do tecido.

Como faltam-lhe os tecidos faltam suas aggregações, órgãos, systemas e aparelhos.

Deixando de lado este methodo rigoroso que dá as

classes o papel de tecidos, haverão analogias sporadicas por assim dizer?

H. Spencer pensa que ha a dosapparelhos; entretanto confessa que a direcção social não é analoga á vital, pois emquanto a vital é exclusiva d'um tecido, o nervoso, a social é commum á todo homem, porque não ha um sensorium em sociedade como ha na vida.

A analogia fica assim reduzida, ás funcções sem os órgãos, portanto mutilada e contradictoria, semelhança na diversidade. E elle esqueceu as relações d'esses apparelhos vitaes, as cellulas nervosas do encephalo moderando a impetuosidade das cellulas nervosas da espinha e todas regulando a actividade das cellulas nervosas ganglionares, por exemplo, o contrario da sociedade e onde só ha lucta, aggressão e resistencia, triumphos e despotismos.

As castas superiores submettendo as inferiores ao ponto de reduzi-las á consciencia de sua inferioridade e de sua missão servil. A realleza immolando os povos nas guerras caprichosas de exterminio, conquistas e successões e fascinando-os ao ponto de julgal-a imprescindivel, fatal e divina. A propria republica atheniense, por uma hypertrophia desconhecida, absorvendo o individuo, a familia e o povo, isto é, atrophando os mais órgãos sociaes. Ainda hoje o militarismo e o politicismo do Estado esmagando ou embaindo o povo nas monarchias ou republicas alheias ao *self government*, não obstante a theoria ter reduzido o Estado á uma forma de associação nacional, á uma funcção social, não obstante os Estados-Unidos da America do Norte e a Suissa terem dado o exemplo da realisação deste ideal, não obstante as elaborações scientificas e as invenções industriaes terem elucidado a intelligencia e fortificado o traço de todo cidadão para aspirar aos ideias de liberdade e hastejar seu pavilhão nas praças nacionaes.

A conclusão é que não ha comparação homologica (morphologica) possivel entre a vida e a sociedade.

Funcções correspondentes:

Estas podem ser expostas pela ordem da séde morphologica ou da natureza physiologica.

Ordem morphologica. Na vida animal a funcção é da cellula, do tecido, do systema, do orgam, do apparelho. Ora no estudo que fizemos não encontramos tecidos sociaes e seus compostos. Logo a sociedade não tem as funcções correspondentes ás da vida.

Ordem physiologica. As funcções vitaes por ordem de sua dependencia podem ser classificadas em geração, nutrição, crescimento, (funcções vegetativas), scnsação e reflexão, locomoção e vontade (funcções animaes), hereditariedade e adaptação (funcções evolutivas).

A geração pode ser cellular ou organica. A cellular é uma bipartição reiterada da cellula, epigenesis de Wolff. Realisa-se no inicio de todo organismo ou no seu crescimento: portanto é geração e crescimento organico. Como geração não tem correspondente em sociedade porque a sua cellula, individuo ou familia, como queiram, não biparte-se reiteradamente. Como crescimento vel-a-emos em outro lugar. A organica é no seu ponto mais elevado (e mais analogico), na amphigonia (geração sexual) gonochorica (por sexos separados), uma emissão de cellula femea, ovular e cellula macha, spermatosoidal, pelos paes, uma fecundação do ovulo pelo spermatosoide (conjugação ou fusão) e sequente geração cellular, isto é, bipartição reiterada da cellula conjugada. Não tem correspondencia em sociedade. O individuo que em boa theoria analogica é a cellula social, não tem emissão, conjugação e bipartição. A familia que em bôa theoria social é o elemento simples e irreductivel da sociedade, não tem bipartição reiterada porque o filho não é um desmembramento da familia, uma meia cellula que destaca-se e cresce ao lado da outra metade cellular, é uma cellula de cada pae que conjuga-se e biparte-se, etc.; nem tem emissão e conjugação porque o homem e a mulher não são duas cellulas desprendidas de seus paes e sua união não é uma conjugação fecundativa: na união familiar ha permanencia de personalidades distinctas e na conjugação cellular ha fusão das cellulas na conjugada.

O crescimento tambem pode ser cellular ou organico. O cellular é sem importancia para a analogia, a

não ser que queiram comparal-o com o crescimento familiar, inteiramente diverso porque o cellular é devido á nutrição e o familiar á gerações, o cellular é interno, intuscepção, e o familiar externo, relações filiaes accrescidas ás relações conjugaes, (annexação), o cellular é alongamento, augmento da cellula e o familiar superveniencia de cutra familia ou sociedade. O organico é por geração cellular, isto é, por bipartição reiterada das cellulas desde a inicial (conjugada). Não tem correspondente em sociedade porque não o tem a geração cellular e tem um limite no organismo, o da idade que não ha em sociedade.

A nutrição tambem não tem correspondencia social. E' uma metaphora de mau gosto este apparelho nutritivo social. Que seria uma sociedade com systema digestivo, respiratorio, circulatorio e excretorio? Os homens são que alimentam-se.

Em melhor rhetorica, os individuos alimentam-se de actividade, intelligencia e liberdade, as familias de moral, economia e esthetica, os povos de igualdade, união e fraternidade e os Estados de direito, isto é, de desvelo, respeito e fidelidade á Nação.

As phantasias philosophicas não podem passar á mais. E' verdade que philosophias têm sido tudo: as tentativas de conhecimentos na Grecia; as sciencias primarias na scholastica; as cogitações das causas primarias e finaes na metaphysica; a explicação dos factos por categorias, deixando fóra as suas relações e fechando as questões respectivas por insolubilidade no positivismo; a concepção universal por transformações das categorias deixando abertas as questões para as cogitações do incognoscivel no spencerismo, fechando-as por salubilidade mechanica no hæckelianismo ou por salubilidade phantastica no monismo teleologico da inconsciencia, da vontade, ou toda a alma da materia. Mas tudo isto é nada ao lado das analogias absurdas de elementos antagonicos.

As funcções de relação tambem não são sociaes porque a sociedade não tendo tecidos nervoso, muscular e



osseo, não tem suas formações, órgãos, systemas e appa-
relhos dessas funcções.

Dirão que é diverso o aspecto analogico, que a cere-
bração do grupo social está na consciencia do seu fim,
no conhecimento e emprego dos meios para a sua con-
secução? Isto prova é que não ha analogia possivel.
Na vida não ha órgão juridico como o Estado, sobera-
no como o povo, moral como a familia, livre como o in-
dividuo.

Na sociedade não ha o órgão que assimille elemen-
tos nutritivos, o órgão que os conduza e o órgão que
regule estas funcções e ponha a vida em relação com o
exterior. Emquanto na vida os factores dominantes são
a hereditariedade e adaptação, na sociedade são as
necessidades vegetativas que determinam a economia
e actividade, as necessidade animaes e espirituas que
determinam, a liberdade a moral e a esthetica e as neces-
sidades sociaes que determinam a igualdade, a união o
direito e a fraternidade. Emquanto na vida as cellulas
agem por meras excitações organicas ou exteriores, na
sociedade agem por deliberação e consequente oppor-
tunidade. Emquanto na vida as cellulas agem em geral,
fatalmente, unanimemente, invariavelmente, na socieda-
de os homens agem reflectidamente, por maioria, violen-
cia ou corrupção, imprevisivelmente.

(Continúa).

DR. LAURINDO LEÃO,

